

padê editorial

cole-sã escrevivências

apoio:
Fundo Elas de investimento social

inverno2018
distrito federal

padê editorial

bianca
chioma

alumbramento
marginal

cole-sã escritivências n. 21

Alumbramento marginal

Bianca Chioma

edição, diagramação: tatiana nascimento

revisão: kati souto

concepção da arte: tatiana nascimento

coordenação das oficinas de encadernação: kati souto

padê editorial é um coletivo editorial artesanal
que publica autoras negras y/ou lgbtqi+,
fundado por tatiana nascimento y bárbara esmenia,
em Brasília / DF

www.pade.lgbt

www.literatura.lgbt

pade.editorial@gmail.com

esse livro foi feito no DF y em SP, em setembro de 2018, como parte do projeto “Escrevientes: autopublicação artesanal de narrativas LBTs”, proposto pela padê e selecionado pelo Fundo Elas de Investimento Social em edital de 2018

tipografia: hero (capa), ogirema e chicago (miolo)

Chioma, Bianca

Alumbramento marginal / Bianca Chioma. - 1a. ed. -
Brasília (DF): padê editorial, 2018.

ISBN: 978-85-85346-26-3

sobre a cole-sã escrevivências

inspirada no conceito de escrevivências de conceição evaristo, a cole-sã escrevivências, da padê editorial, é dedicada a textos de autorxs lgbtqi+ negrxs* estreantes, produzindo literatura contemporânea. são 50 títulos de livros cartoneros (com capa de papelão reutilizado!), escritos por autorxs sapatonas, travestis, mulheres y homens trans, gente não-binária, povo preto sexual-dissidente de um monte de lugares num brasil que insiste em nos matar, nos impedir de sonhar, de falar com nossa própria voz. mas mesmo assim: aqui estamos, falamos, escrevemos. sonhamos! fazemos nossos próprios livros.

foi no blog de conceição que li “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. o racismo htcisnormativo, mola de funcionamento do sistema colonial que fez nossa banda do continente ser como é (escravocrata, lgbtqifóbica, espriante de genocídio negro, indígena, de transfeminicídio, classista, desesperançosa, fundamentalista) tem entre suas principais ferramentas políticas de silenciamento: tenta nos roubar de nossas palavras, contaminar colonizando nossa expressão/discurso/narrativas, quer despermitir que plantemos nosso próprio imaginário. difundir seus estereótipos sobre nós enquanto finge que não vê não ouve o que nós mesmxx temos a dizer sobre nós.

selecionar esses textos y autorxs tem a ver com uma fé no contar nossas próprias histórias. y histórias que curem nosso passado, alimentem nosso presente, construam nosso futuro: além de incomodar sonos injustos, embalar os nossos sonhos de mundos, imaginários, afetos, existências possíveis, plenas, autodeterminadas, autoafirmadas literariamente.

todos os livros publicados na cole-sã têm licença *creative commons* tipo “atribuição-não comercial-sem derivações”, o que significa que você pode compartilhar o material em qualquer suporte ou formato, desde que a autoria seja atribuída (“atribuição”) y desde que não seja feito uso lucrativo do material (“não comercial”). se você modificar esse conteúdo, tampouco pode distribuí-lo (“sem derivações”).

tatiana nascimento, organizadora

*75% dxx autorxs publicadxs se autodeclaram negrxs

sobre a autora

bianca é: moradora do lado norte do mapa de São Paulo. escreve desde de quando se entende por gente e, muito recentemente, aprendeu a mostrar os escritos pro mundo. frequentadora de sarau e slams, treme de medo, mas firma a voz. acredita que escrever é voar e com essa mania de atingir os voos mais altos através da palavra, às vezes sangra. já deu 21 voltas na galáxia (aqui eles contabilizam por anos) e pretende não parar de escrever entrelinhas.

sobre alumbramento marginal

“ser mulher que escreve é tirar a armadura”

Com este verso é possível iniciar a compreensão do estado de poesia que toma toda a escrita de Bianca Guimarães. “Alumbramento” é palavra que significa “deslumbrar-se”, “sentir-se inspirado” ou “tornar-se iluminado por inspiração”. E vemos em todo o percurso de Alumbramento Marginal versos que constroem poema-manifesto, poema-denúncia, poema-grito. Em uma poesia que verte reflexão sobre o mundo e sobre a existência, a autora descortina temas espinhosos e emergentes, como aborto, violência policial, racismo, genocídio, a vida nas quebradas, a hipocrisia presente nas desigualdades e o viver mulher negra.

Já disse uma poeta que a poesia poderia não ser a ferramenta para salvar o mundo, mas que certamente garantiria o salvamento de minutos. E os versos deste livro em força poética apresentam, justamente, que a poesia é capaz de salvar minutos que podem significar a distância do seguir existindo presente ou o seguir como presente em homenagens e lembrança dos que ficaram para trás.

Os versos são densos e como socos no estômago. Bianca se utiliza de modo belíssimo e com rica criatividade de diversos recursos literários como aliterações, elementos de oralidade, assonâncias, sonantes, rimas coroadas, preciosas, trocadilhos, articulando tema, ritmo e forma e, com isso, configurando o duro e difícil cotidiano em literatura.

A poeta se funde a palavra que ganha contornos e fisionomia, conforme avançamos na leitura: a de uma mulher negra que afronta o modo como o mundo a vê e descreve, e que constrói e apresenta sua própria autodefinição em existência viva. Se escrever é tirar a armadura, a poesia mantém-se como escudo e a palavra como arma.

Se Bianca se inspirou no marginal e periférico viver para fazer o poético, sem dúvida ela nos inspira e influencia no modo como sentiremos e viveremos o mundo após a experiência com sua poesia lacerante.

Juliana Borges

“quando eu morrer voltarei para buscar, os instantes que não vivi
junto do mar.”

(sophia de mello breyner)

mesmo sendo composta de naufrágios,
esse corpo d'água
tem dureza de asfalto,
e só se cura da secura da cidade
com água salgada batendo no peito
ela tem olhos de quem afunda e nunca finda
é infinita a Maria vai com as ondas

me enxergam como ser de aço
enquanto sou só ser de traço
que (sobre)vive entre linhas

eu entro nas minhas linhas!
e não caibo não suas
de letras curvas
que querem me quarar

::: ce vê o tanto que já tentaram me clarear? :::

me descartam pela cor
e pela vulva
que te instiga
quando não aceita as suas ofensas primitivas
quando rejeita as suas oferendas masculinas
as mesmas que invadiram o meu buraco quando menina

peito de azeitona
cabeça de algodão
minha roupa no chão
cobrindo toda a minha expressão com a sua mão
mesmo não sabendo do que se tratava
lembra que eu falei não?

plantei a muda do não
e quando não a vi sendo colhida
polida
entrei em linhas
que às vezes não aguenta a demanda
desanda
molha os versos

que nem o chão do labirinto-corredor-de-mercado
tendo os movimentos controlados pelo segurança de olhos

[cerrados

com cacete e cacete em riste
“desiste de resistir”

minha mente gritava
enquanto pegava algo na prateleira que não precisava
[talvez a gente tenha necessidade de mostrar pro capitão
que o nosso negócio não é esse não]

prezo por me manter inteira em todas as linhas
rezo por todas as minhas
que mantêm a sina de ser de traço e de poema

-PARADA DE TAIPAS, 21 DE OUTUBRO DE 2017 às 15 horas e 22 minuciosos minutos-

Jovem de 22 anos é baleado por polícias em um troca de tiros após um assalto na zona noroeste de São Paulo

Jovem de 22 anos é torturado e baleado por policiais em uma troca de tiros após um assalto na zona noroeste de São Paulo.

Jovem de 22 anos é torturado e baleado por policiais em uma troca de tiros – em que o mesmo não fazia porte de arma de fogo – após assalto na zona noroeste de São Paulo.

Jovem de 22 anos é...

O corpo preto

debaixo do lençol branco

em cima da poça de sangue, suor e pranto

chinelo largado-virado no chão

a tia emendando um louvor com oração

será que esse deus é mesmo tão sábio? tão são?

mesmo tão poderoso não desfaz a compleição

que nos tira a sanidade

amplifica a maldade

estica a saudade

deixa fluir que nem mar o nosso sangue na mão dos militares

estruturas ósseas periféricas todos os dias são derrubadas

de filhos da pólvora são chamadas

e o estralar vem de armas com mira bem programada

tomaram de assalto a vida do meu amigo-irmão

e na televisão só tiveram o trabalho trocar o nome dele por ladrão

era Leandro, viu? Leandro!

vulgo perna de seriema, pretão, saco de vacilo, pernalonga, pico,

canela cinzenta, imitação barata de Wando –

pra ninguém nunca mais ter engano :::: Leandro

eu e Leandro quando pequenos firmamos um trato num acordo

oral

ficaríamos juntos na cohab desviando do mal
 os nossos dedos viravam armas
 quando ainda nem imaginávamos o tamanho dessa batalha
 que a vida navalha
 e o redemoinho do tempo
 mudaria o contrato firmado e consagrado por aquele vento

fizemos sonhos imensos no meio de um parquinho
 era pra voar muito mais longe, parceiro.
 não só como aviãozinho
 num gesto premeditado
 o rap desesperado avisou que o caminho era pra outro lado
 não foi tão fácil obedecer o que RZO cantou
 quando o dinheiro da condução não constou

enquanto cabeças adultas queimavam em preocupações
[vulcânicas
 nois continuava nas ladeiras em fluidez quase oceânica
 na contramão da absurdez
 engatilhada pra nos matar bem antes dos dezesseis

sonhava em vê-lo pegar rabeira na poesia
 usando o microfone como passaporte para uma era que mais valia
 ou honrando os samba que o vô cantava
 enquanto nos ensinava que adulto bom, manjava de
[malandragem e sambava

eu já vi os olhos do Leandro brilhar pelo boot que não ia comprar
 já vi os mesmos olhos virarem mar pelo danone que o irmão não
[ia provar

via nossas famílias no compartilhamento
 do passe, da roupa e do alimento

antes de chegar na décima oitava linha de nossas vidas,
 ele já tinha barba
 calça caída
 noites curtidas

sangue fardado nas mãos,
e o rótulo escorrendo entre os prédios da COHAB: LADRÃO!

semana passada
trombei o pretão com um livro na mão
falando que pro supletivo tinha voltado
que ia encostar lá em casa pra pegar uns livros emprestado
a mochila pesava, cheia de esperança
e a gargalhada era garantida que nem o joelho ralado na infância
o crime? tinha largado
descarrilou as carreira
disse que da cocaína não chegava perto nem na brincadeira
desvia das biqueira
aquela vida jazzia
e ainda perguntou que dia nós ia pro role de poesia?

mesmo assim a dona morte inventou de levar
o corpo do Leandro junto com as promessa de me trombar
e desenrolar os papo que a rotina comia
em cada despedida era um beijo na testa que eu recebia

Leandro subiu que nem pipa desbravando o céu
sumiu que nem meus rascunhos no papel
subiu que nem aquele tênis que fica preso no fio elétrico
sumiu deixando aquela magia do seu sorriso martelando na
[cabeça de qualquer cético

e eu que não conto mais todas as perdas nos dedos
eu que tenho as costas pesadas por carregar tantos medos
eu que na velocidade de uma piscada
na mira de uma farda
fico com um a menos nessa parada

eu pego o enrolar da garganta do luto
tomo impulso pro grito da luta
honro a missão que a mim foi dada
nos quatro cantos do mundo essa porra vai ser denunciada

cê ainda lembra o nome dele?

cê ainda lembra a voz dele?

cê lembra o nome dele?

cê lembra o sorriso com diastema dele?

cê lembra o nome dele?

cê lembra do chão tremer com o corpo dele caindo?

cê lembra o nome dele?

cê ouviu o sonho dele ruindo?

cê lembra o nome dele?

era Leandro

[do natal]

as panelas gritam por ser da fome refém
a ceia nem foi posta mas já mostra
o tempero que foi usado
:::desdém:::

pra você convém subir todo o morro
só se for com a câmera da mão
presentear a molecada
em político dar sermão
em vão tanta boa ação
enquanto ainda fecha o vidro
enquanto a pequena mão bate no seu carrão

.

.

.

toc

toc

toc

.

.

.

quanto mais alta a batida
maior o pedido de ajuda
escuta?
vem de quem ocupa a vida sem massagem
e vive o ano todo-ano inteiro sem a sua caridade

quando a luz apaga
não tem emissora que paga
o peso da lágrima por mais uma vida tirada

quando a câmera não te dá alarde
e os olhos desnudam a sua verdade
não engana a sagacidade

de quem nos primeiros passos
já com a carteira de identidade

eu vi o menino que pediu ano passado por uma bola
pedindo o ano seguinte para não implorar por esmola
até perceber que papai noel aqui não cola

tem um amigo que pediu pra não escutar de novo
o barulho do tapa e a mãe pedindo socorro
aqui as paredes têm ouvido
e as boca depois de tanto engolir sufoco
foram tapadas com reboco

tem uma irmã que sofre da sequela
de querer uma boneca bem branquela
daquelas que nem se parece com ela
como explicar que papai noel não cola na viela?

é tanto becoburacobarranco
e umas ladeira que o velhinho não sobe nem nos tranco
talvez o trenó não caiba na estreitude da viela
e as rodas não aguentam tanto bagulho perfurando elas
será que tem rena que peita a falta de remédio pro excesso
[de receita?

as criança aceita mas não respeita não
esse lance de não ter chaminé e nem dinheiro da condução

um deles viu uma estrela cadente
fez um pedido com a lágrima descendo quente
“estrela, me faz gente decente. ano que vem eu quero ser
papai noel da minha gente”

eu sou filha de toda concretude do asfalto e desses arranha-céu
[que invade a morada de deus.

ela, é filha da pouca serenidade que o mundo deu.

eu, acostumada com trânsitopeitodurocabeçaembaralhada buzinaepoeira

ela, acostumada com o cheiro de mato na terra onde tudo vigora

[e demora

nessa mesma terra onde olhares brotam e afloram ofensas :::::::::::

e mães tampam os olhos de crianças ao notar a nossa presença

carregamos tal sentença de dedos entrelaçados e peitos

[sincronizados

tardes com o corpo embaraçado no seu no meio de uma rede,

::::::::::::::: denunciam:::::::::::::

eu deixo de ser carga elétrica para dar passos longos ao seu lado

nunca fui brisa, só vento bravo

no fundo de mim, escavo

palavras calmas pra plantar no seu peito, desse lado

you dança como quem sorri

e em matéria de sorriso, você é toda sincronizada!

é olho que sorri junto com a boca e achata levemente o nariz

é timidez que me ganha por um triz

é risco de giz-permanente que anula todas as minhas certezas

jurei jurei jurei que de tão calejada, tava até travada

mas você tem um conjunto de chaves sempre pronto

pra abrir cada uma das minhas travas

do seu lado eu sigo presa sem amarras de nomeclanturas

é só sentimento que costura o meu peito no seu

jurei jurei jurei também não caber no formato do amor,

tantos passados passaram deixando a certeza:::::::::::::

o vento é da minha natureza

e não há quem aguente tanta ventania

só que eu te vi amando e ficando

amando e ficando

amando e colando cada pedaço quebrado
amando e se refrescando com cada vento soprado
eu me vi deixando esvair entre os dedos cada medo enraizado

cê já viu um sorriso multiplicador de estrofe?

eu juro que me derreto
eu juro que não esqueço
eu sei que gagagaguejo quando o vejo
eu juro que o conheço de outras vidas

talvez todo o segredo esteja no piscar de olhos delineados
talvez seja a distância que impede os nossos braços de andarem
[permanentemente cruzados
talvez seja esse riso desenhado por deus como todo o resto foi
arquitetado
nessa estrada do seu corpo,

guardo comigo cada detalhe entre estradas :::::::::::
passagens pra te encontrar
passagens pra voltar
passagens pra você vir
passagens pra você voltar
faz quanto tempo que eu pedi passe livre pro teu peito?

eu que já perdi amores pra outros pares
por alguns bares
nunca perdi um amor pra uma aeronave
que sai cortando o céu sem deixar passagem
contando vantagem
sem nenhuma vazagem por pura maldade
cuidado piloto nesse vôo o que a moça aí carrega vai muito além de
[bagagem
é a minha saudade acumulada em muito mais do que 12 horas de
[viagem

sonhar é muito bom não custa não, nenhum tustão (já falava na minha cabeça desde criança o Sandrão).

eu fecho os olhos no canto de cá, sem marmita na mochila e muito menos sacolejar de busão. sem se desesperar ao ver o final do mês chegar, os boleto vencer. sem ter que ligar na internet pra falar: “esse mês vai atrasar! tem como segurar o juros até lá?”. passar o cartão sem suar a mão com medo de não autorizar. andar sem olhares com a intensão de me desnudar. ter poder de arruada. minhas palavras e de tantos outros em papéis, muros e línguas nos 4 quantos das cidades. livros negros residindo em estantes escolares. sem gente fazendo da calçada lar, aqui todo mundo tem teto. nem é de estrela. esse daqui é da melhor qualidade, protege da chuva. do sol. do projétil de perigo disfarçado com carinho de bom amigo. e é tudo reto, sem plano dividindo classe. entre rico e suburbano. aqui é tudo plano, reto do jeito que a gente traça. criança com olhar explodindo fogos de sorriso, só comendo ovo quando quer, por opção. aqui de quadrada, os menor só conhece a bola do Quico. não sabe o que é fazer bico e pico só se for o do Jaraguá – eolhelá. o amor brota entrelaça e não estilhaça. estica, prolonga e finca. me olha com o olhar fixo. quase que não mexe. tem sorriso de todas as estrelas que eu não tive paciência de contar. não ofende retina nenhuma. não é declarado como desrespeitoso pra ninguém. só segue a linha que convém: nós duas na horizontal, amando e só. sem obrigatoriedade de chamar isso de evolução por ter tanta guerra. é só amor. família nem é instituição é só um bando de gente que resolveu se intitular como: família. junção de corações que caminha tudo junto. e a pele costurada no meu corpo é pele. sem marca. sem açoite. sem chicote. o que me passa na cabeça é toda via pensamento de paz. a morte nunca me passou. nem o medo dela também. muito menos a vontade de adiantá-la. aqui é paraíso nosso. espaço nosso. não há necessidade de gritar com o mesmo furor com que o estado desfaz as nossas organizações – quase réplicas das dele. é tudo nosso. tudo nosso.

– abre os olhos! acorda, pretona! estação vila olímpia. o sonho cabô! cabô!

eu não caibo em mim
por isso os olhos maré(jados)
o nó que sai da garganta e atinge o peito-beco-estrito
dos a(fé)tos
:.....: craquelados :.....:

do lado de cá, uma tentativa de arrombar
o peito meu
eu mesma forçando a porta dos indigestos afétos
que o meu sistema gástrico-sentimental aprendeu a rejeitar

me lanço inteira numa tentativa vã de autoproteção
nunca saio inteira de verdade
vários estilhaços meus
e s p a l h a d o s
pela cidade

eis a sentença
sem recompensa
de ser intensa:
eu não caibo em canto nenhum

nem na abundância da cama que caberia mais um
nem na grandeza do prédio que tampa o sol
nem no sol que tampa a noite
eu não me caibo

[a Dita cuja]

durante anos e anos
na vila correm ventos que contam lendas
que ultrapassam becos
pulam buracos
e não caem no esquecimento-barranco

quem ajuda no boca-a-boca
conta a história assim:
com os dedos cruzados
só pra garantir a veracidade dos fatos

a lenda dita que a tal Dona Dita
em sua guarita arrancava barrigas
havia crianças que desviavam da Dita maldita
e saiam do seu barraco com alguns dias de vida

o imaginar infantil, multiplicador de fatos
dizia que a Dita cuja arrancava das barrigas pra jogar nos ralos
apostavam caro pra ver entre eles quem seria o corajoso
de no seu barraco atirar um pedregulho ou um ovo

pras mães que queriam fazer os filhos do medo refém
os ameaçavam com muito desdém:
“Vou chamar a Dita, lá vem!”

eram as crianças que reparavam:
havia mulheres que entravam e nunca mais voltavam
diz a lenda que quando a Dita tava brava,
só com a barriga não se contentava
e fervia mulheres inteiras num caldeirão
depois comeria com meia dúzia de grão de feijão

as mais velhas diziam que Dita era santa
não cobrava nada
só trocava os seus feitos por plantas
e eram elas que notavam a semelhança:

entre as mulheres que procuravam Dita,
nenhuma tinha herança

procuravam Dita com a missão de tirar da barriga
o peso que depois moraria nos braços
“onde come um come dois”
e onde ninguém come?
toma decisão como pode
toma decisão como dá

pega carona na ponta da agulha de tricô
na canela do chá
evita ouvir quem enche a boca de desprezo
concentra no tempero do coeijo

Dita falava pras menina sossegar
rezar pro feitio pegá
tentando intimidar o medo delas de no sangue afundar

[já dizia a poeta tatiana nascimento
pra filha deles tem legalização
pra gente é
negação]

quando o rebento do poema resolveu rebentar
não tinha nada pra anotar
nem pra gravar

a palavra pedia acesso
pra acessar feridas em carne vivida
até tentei argumentar
que não era tempo de invadir
inundar

eu não queria naufragar
em dor passada
dor pesada
é melhor não cutucá
e por ordem maior da palavra
cutuquei o corte
revivi o que quase a levou a morte
deixei cair a máscara que me mantinha forte

cutucá cutucá cutucá pra ver se cura
ser mulher que escreve é tirar a armadura
costurar palavras pra mostrar funduras
ficar nua pra ponta da caneta

ser mulher que escreve
também é gerar
também é parir
é afogar naquilo que te salva
e te mata
te livra
te lavra
te prende
:.....: a palavra.

ela que pede o meu corpo inteiro só pra ela
desassossega
quando eu penso que está bom,

ela me pede mais entrega
eu sou composta de vozes
que imploram por canetas
escorregam entre trens e plataformas
com barulho de lambreta

há quem diga que sou poeta
há quem arrisca o risco de me chamar de poesia
prefiro ser folha em branco
livre pra delinear o que a letra mandar
mesmo que a tinta da caneta seja o meu pranto
saudade ou banzo

tive medo de mostrar as poesias
de elas mostrarem o que eu escondia
de quem me leria crua
notaria os cortes açoites
a carne dolorida nua

se o que foi silenciado bate forte pedindo ser falado
não adianta segurar
não adianta travar
não adianta trancar peito a dentro
é necessário levar a sério a missão dada
obedecendo a ordem maior da palavra
“vai branca, escreve e depois fala”

::: ::: receita básica pra tristeza saltar pra fora da gente e se livrar da melancolia da lua em peixes ::: :::

quando os dias viram sobras batidas no liquidificar, me teletransporto para os dias que ficaram no retrovisor. invocar a pequenez dos dias primeiros, daqueles que sentávamos e os pés não alcançavam o chão e qualquer chão, era outro planeta. cada planeta era palco. qualquer concretude de asfalto era ringue. qualquer ringue gerava mais sorriso do que briga. qualquer água virava mar e de qualquer mar ou cachoeira. eu fui boa marinheira.

era pipa que avoava o céu junto com a vontade de vooooooooooair tão alto. era nuvem de papel desenhando dinossauros. era banho de chuva com direito a assistir o arco íris de camarote ::: no asfalto. as letras eram códigos e ler era matéria de decifrador. o questionamento que realmente tirava qualquer tipo de lucidez: como é que pode? aquele tênis no fio do poste? ressuscito a mini Bianca pra ser gigante. ela sempre foi bem maior que eu.

como diria Emicida: “quando os caminhos se confundem, é necessário voltar ao começo. não sabe pra onde ir? tem que voltar pro começo. pra não perder o rumo, não pode esquecer do começo. cê entende que assim é verdadeiro?”

::: platonices :::

cê não sabe que me atinge

em cheio

bem no meio

dos afetos

toda vez que me aparece

que me olha

que me molha

antes mesmo de me tocar

e a fé que trago

naquela mania que você conhece

de esperar

só se fortalece na certeza de poder te olhar de perto

mas tão perto, a ponto de ver os seus pelos do braço todo se arrepiar

[o meu relato em primeira pessoa
engrossa todo um coro e não é à toa]

é que ... é que ...

eu vim te contar de um medo
um medo que não cabe nas linhas
um medo que molha e mora o olhar
o olhar de todas as minhas
eu falo do medo
medo de sermos sempre sozinhas

nos tranco e solavanco da vida
nas subida de ladeira e nas descida
mulheres com menos duas décadas de vida
sem perspectiva afetiva
guarda no bolso qualquer expectativa
talvez talvez talvez só em outra vida

mães com o mundo nos braços
e agilidade nas solas dos sapatos
correndo o tempo todo pra não ver os filhos descalços

nas idas no mercado
na cama com o vazio ao lado
no choro preso o dia inteiro
e enchente no travesseiro
na falta de ajuda
sem um pingão de zelo

em mulheridades molhadas de melanina vocês só dão
banho de solidão
e mesmo assim a gente segue
enfrentando a tristeza na bota
sem ter quem desligue a luz ou encoste a porta

e eu sei que o seu pensamento concreto
não acha correto curvar o escutar para
as línguas denunciadoras que despejam palavras cortantes

que ainda insistimos em despejar

quando dizemos que “amor tem cor não é a nossa”

é a nós que essa frase primeiro destroça

e não a sua namorada dos detalhes cor de rosa

e nem seu namorado com necessidade de colocar a masculinidade à

[mostra

mesmo com o lado esquerdo do peito ao relento

tendo que fazer do coração cimento

eu vejo mulheres-monumentos

no direcionamento dos seus sentimentos

a gente faz uma prece como de costume

e por mais que o negrume pra solidão nos empurre

pra cada gota de solidão, haverá transbordamento de solidude

e como vingança :::::

nos tornaremos inteiras.

misturam-se os dreads com tranças
desfaz o nó da garganta
e no enrolar nagô dos cabelos;
desfaço as traças de um passado
carregado de dores muitas
nova aurora se firma
meu olho brilha pique criança
cê diz que ele foi envernizado por quem veio antes
herança ancestral
de quem carrega marcas de chicotadas na retina
e mesmo assim ainda brilha
me perco nessa sua postura real
mania de andar como se estivesse em Oyó
como se o chão fosse seu velho conhecido
e não se faz necessário olhar pra ele enquanto pisa
cê conhece pedra por pedra
rocha que faz abrigo no vento
mesmo sendo raio
ventania que sou, te aceito
nem a mais das aprimoradas dialéticas
daria conta de explicar tanta carga elétrica
o porte que denuncia: alafim
trovão em forma de gente
logo eu, dona da pressa do mundo
trovão também
sempre achei que não me convinha
essa absurdez de ir devagar
cê é daquelas coisas que não se deve deixar passar
antes de olhar demasiadamente
contemplando centímetro
lambuzando-se por inteiro
contando os instantes entre o fim desse encontro
e (re)começo de um novo
na sincronia dos pés com o quadril que ela me avisa
como se eu não soubesse

entre uma rodada e outra:

“vou rodar minha saia branca. menina, eu sou filha de Xangô”.

sorriso como quem não desconfia

a origem de tanta realeza

[oração escrita]

é o sangue tipo B de banzo que dá
tanta saudade do mar
mesmo sempre morando tão longe de lá

odoyá, minha mãe lemanjá!
no teu colo leito d'água,
eu me deito em lençóis líquidos pra lembrar,
que mesmo não sendo funda como o mar
nessa água turbulenta da vida
sou só mais um peixinho que ce não deixa afogar

a serenidade que eu não tenho, ce pode me dar?
o bando de onda violenta no peito, ce pode acalmar?
o sorriso perdido no tempo, ce pode realocar?
eu não sei rezar
nunca foi boa pra orar,
mas se eu entoar, um canto-poesia, ce vai escutar?
se eu jogar as palavras no meio da folha e esperá-las gingar,
eu vou te agradar?
se eu dançar tentando a sincronização perfeita entre quadris e pés,
ce vai me olhar?

dizem que essa pele escura como a noite
aguenta todo e qualquer açoite
mal sabem eles que deságua no desespero
no medo de nunca ter um vão pra se esconder
dizem que essa pele escura como a noite
é pele de chilique e atrito
não importam quantos sapos ela tenha engolido
mesmo no sussurro escutam gritos
dizem que essa pele escura como a noite
dizem que essa pele escura como a noite
tem desconfortos gástricos
gerados por gritos silenciados
tem onda na altura dos olhos
semicerrados
segurando mar de choros
dizem que essa pele escura como a noite
carrega marca de olhares açoites
que são usados para inibir
diminuir
e pela retina diz o que a boca segura:
o seu lugar não é aqui
dizem que essa pele escura como a noite
carrega Rafael Braga algemado no topo memória
enquadrado e condenado na lei que não protege a carne mais
[barata da história
o meu choro mistura com o de mães que choram de maio a maio
até virar um só
lágrima salgada
água de mar
essa pele escura como a noite continua arrastando dores assim
[como se arrasta o sangue preto nas quebradas
desconhecidas
escuras
seguras pra mão branca ceifar a minha vida quase sem valia
me perdi ao te contar o diz que me disse do que já me disseram

nesse mar de estereótipos que me impuseram eu já mergulhei e
fui banzo
confesso essa pele escura como a noite pertence a um corpo abjeto
o que a sua academia quer estudar, mas dificulta o acesso
diante dos meus olhos passam cenas de retrocesso
confesso, meu amigo
eu não queria ser dona de um lirismo tão agressivo
de um grito repentino que dói o seu ouvido
ainda tentam nos silenciar com máscaras de anastácias
mas uma das tecnologias ancestrais que nos foi ensinada:
é não temer a chibata
e ecoar a nossa fala entre os orifícios da máscara

dezenove(s) de julho(s)

primeiro te olho pela fresta do peito. te mando beijo. te cubro de oração. te aqueço o peito. delírio da retina é tornar rotina a sina de te ver em qualquer outro rosto. delírio do olfato é tornar qualquer perfume barato o cheiro exato que cê carrega dia e noite no pescoço. meus sentidos não atualizaram com o decorrer do calendário, ao contrário do esperado eles pensam que você está aqui, do meu lado. depois de um ano inteiro, eu a encontro na mesma rua-encruzilhada do primeiro 19. se o tempo me avisasse ... eu teria partido ou me entregado? eu correria ou ficaria só um bocado? eu olharia pro lado? eu atravessaria a pista pra buscar um beijo? entre risos envergonhados, olhares que falaram mais do que qualquer declaração escancarada e palavras sincronizadamente trocadas. o corpo meu quase travado fugindo da tentativa abraço dela. correndo da vontade latente de lembrar o passado. as mãos que andam lado a lado quase imploram pelo cruzar de dedos. os olhos que fitam a boca, que voltam pros olhos. o beijo no rosto pendendo pra boca. a vontade louca de sermos uma o emaranhado da outra de novo. mesmo se o tempo me desse prévia da dor, sinopse dos desentendimentos e resenhas das promessas não cumpridas, eu ficaria. pelo jeito que ela me olha ao convidar-me para comemorar um ciclo interrompido. não correria. não fugiria. não culparia deus e nem cupido. eu ficaria.

[queda]

eu caí de novo
distraidamente
no buraco da sua palavra encruza
querendo a afiadez da sua língua
dançando na maciez da minha
antes que elas se encontrassem,
no peito já foi corte
e eu desejando cortês
palacete de duas
com você no centro do meu desejo

[saudade multiplicadora de estrofe]

invento ritos para invocar o cheiro dela
o perfume não vem, mas a saudade esguela
me esmaga que nem o capital
me tortura que nem a demora pro carnaval
me assusta mais do que a brutalidade policial
tumultua mais do que o alvoroço de quem vem
batendo ponto pra quem tem
me deixa pequenininha igualzinho o aperto no trem

eu posso ser aquele samba
que te deixa de perna bamba
a noite no dia descamba
e você desanda de tanto gingar
te irrita me ver na marcação de pandeiro mais bonita?
sei que o meu quadril balança como se tivesse dentro um rei
mas reforço: ei, não precisa ter medo de mim
eu gosto quando a batida do nosso olho no olho tem jeito de
[curumim

fácil

leve

sadio

quando você não vem meu estácio fica vazio

meu cacique com frio

meu vai-vai acumulando arrepio

sem tantan no stéreo

é sério:

no fundo do meu quintal, cê faz mais falta que o Mario Sergio
imagine o sacrilégio

quando eu penetrar o teu tédio

te fazendo lembrar de cada batida

que cê nunca mais vai dar no meu pandeiro

“se daqui pra frente essa saudade em tua vida for verdade,
por favor não vem me procurar...”

nota de (do seu) pesar:

nunca parei de sambar e nem vou parar de sambar.

Quem diz que eu tenho o rei na barriga,
Nem imagina o rei que carrego na cabeça (Kaô)
Nem sabe das doze tretas pra manter de pé as canetas
Rimadeira
Feiticeira das palavras
Cada letrinha – por mais pequena que seja – lavra
As nega véia fazia magia com as folhas sagradas
Eu aprendi a mágica de ampliar a minha fala
Parideira de sonhos
Esticadeira de planos
Se uma lágrima escapar de algum dos meus, com panos quentes
[estanco.
Trampo 6 pra ter o básico no prato
E o resto que a poesia tem pra me oferecer eu seguro no tato

shiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiu!
o seu silenciar só fez formar
crias que pra te levantar a voz,
não vão fraquejar
sem algoz na voz
sem adaga na garganta
imagem. espelho-abebé. reflexo.

.....

preta, eu sou a sua semelhança
palavra é a herança
das Carolina, Jovelina e das Conceição
das que não chegaram ao meu conhecimento pela falta do cifrão
das Ciata, das Ivone, das Leci e de tantas que não chegaram até

pela vingança dos sonhos de Luana, Cláudia, Maria Eduarda e [aquí
[Marielle

pelo sangue que a nossa pele repele
e pra escrita transfere
é que eu não quero ser só força
eu sei ser delicadeza...
eu não quero só ter que pisar firme
eu sei pisar com destreza
quando peço na mesa as cartas
o jogo eles embaralha
e ainda vem falar que a minha postura é falha?
depois que ouve o barulho da explosão
ainda diz:

“pra que arrombar a porta?
pra que tanta confusão?”
você entende o conflito?
eu solto sussurro, eles entendem grito,
rouca fico,
e com todas as portas fechadas ainda dizem que há exagero

[nisso?

eu li o que todas as bocas fechadas não disse, viu?
[eu chorei e no meu olho não caiu nenhum cisco
é que a academia brasileira de letras é pequena
pra imensidão de Conceição Evaristo]

cole-sã **escrevivências:**

escura.noite, kati souto
sal a gosto, esteban rodrigues
paragrafia 44, lélia de castro
44 sentimentos, cludes pessoa
cartas para NegraLua, débora rita
oju oiyn, okan iná, beatriz fernandes aqaltune
água viva, piera schneider
desculpa por ainda escrever poemas de amor, julianna motter
flores em coração cerrado, tati carolli
a saudade é mulher, fernanda fernandes muniz
delírios de (re)xistência, geise gênese
trans|bordô, lara ferreira
in-quietudes, vandia leal
coração no asfalto, márcia cabral
ser y estar en otros matices, rocío bravo shuña
olindeza, maryellen cruz
concha, sabrina leonardi
piroclastos, lázaro
afro latina, formiga
alumbramento marginal, bianca chioma
deve haver haveres para que a gente siga existindo, laila oliveira
EP, preto téo
tinkuy, jade bittencourt
no âmago, enzo iroko
sapa profana, raíssa éris grimm
sou travestis: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade decolonial, viviane vergueiro
amar devagarinho..., bruno santana
a piada que vocês não vão contar, kuma frança
guarda-versos: palavras que não pude calar, adrielle do carmo
bricolagem travesti, maria léo araruna
notas de um interior circuntante e outros afetos, calila das mercês
cartas para ninguém, diana salu
764 – da barragem pra cá, raquel prosa et. al.
meus versos e inversos, augusto liras

olho de imbondeiro, lohana kárita
cantos de proteção, resistência e dengo: cada pétala é um ser,
babosa maresia e karina das oliveiras
crônicas coyote, márcia marci et. al.
fragmentos_, juliana tolentino
vagamente, daniel brito
uma natureza secreta, luci universo
eclipse, lídia rodrigues
caos – recortes de um peito negro, vitória sales
diversas maneiras de amar, victor alejandro
comer do próprio coração pra viver na própria pele, capitú

cole-sã Odojá:

esboço, tatiana nascimento
{penetra-fresta}, bárbara esmenia
lundu., tatiana nascimento
interiorana, nívea sabino
tautologias, daisy serena
sangue, nanda fer pimenta
periférica, kika sena
mil994, tatiana nascimento
afroqueer existência: dor luta amor, pedro ivo
tribadismo : mas não só – 13 poemas a la fancha + 17 gritos de
abya yala, bárbara esmenia
maravilha marginal, letícia fialho

cole-sã Odara

percursos estéticos: abordagens originais sobre o teatro do
oprimido, bárbara santos

todos os títulos da cole-sã escrituras
estão disponíveis pra venda (impressos) ou download gratuito (.pdf) no
portal:

www.literatura.lgbt

conheça o site da padê:
www.pade.lgbt